

COSTA, Maria Teresa. Mortalidade infantil cai 44,35% em Campinas: no último ano, 12,28 em cada mil nascidos vivos morreram antes de 1 ano, contra 22,07 em 1992; média está acima do aceitável pela OMS. Correio Popular, Campinas, 22 jan. 2003.

Campinas conseguiu reduzir a taxa de mortalidade infantil em 44,35% na última década, conforme levantamento do Sistema de Informação de Mortalidade, divulgado ontem pela Secretaria Municipal de Saúde. Em 2002, de acordo com aquele estudo, 12,28 em cada mil nascidos vivos morreram antes de completar um ano de vida; em 1992, a taxa foi de 22,07. Com isso, a cidade vem conseguindo reduzir a mortalidade infantil em parâmetros bastante superiores aos preconizados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que considera aceitável uma taxa de 20 mortes por mil nascidos vivos antes de um ano de vida.

Em 2001, a taxa de Campinas foi 11,91, ou seja, no ano passado a taxa sofreu um aumento de 3,1% em relação ao ano anterior. A taxa de 2002 ainda pode sofrer alguma alteração depois que todos os dados e verificações estiverem fechados.

Ainda é possível reduzir a taxa de Campinas, diz Solange Duarte de Mattos Almeida, do setor de Mortalidade do Coordenadoria de Vigilância e Saúde Ambiental (Covisa). A maioria das mortes tem acontecido em bebês com menos de 28 dias, onde entram fatores como prematuridade, insuficiência respiratória originada no período perinatal, síndrome da angústia respiratória, hipóxia (diminuição da taxa de oxigênio) intra-uterina e asfixia ao nascer, além de infecções do período perinatal. De 157 óbitos de bebês registrados no ano passado, 113 morreram com menos de 28 dias e 82 morreram com menos de um dia de vida.

Para reduzir essa taxa, o Comitê de Investigação de Morte Materna e Mortalidade Infantil está em ação, investigando todas as mortes de bebês para descobrir a causa da morte, se o falecimento era inevitável ou se houve falha em algum momento desde a concepção. Esse comitê faz visita

domiciliar para ouvir as mães que perderam seus filhos, faz o levantamento de todo o pré-natal e parto, avaliando todos os casos e, especialmente, os bebês que nasceram com mais de 1,5 quilo e não tinham nenhuma anomalia grave.

“São bebês que não deveriam ter morrido, mas que é preciso descobrir onde houve falha para poder interferir”, avalia Solange. Com essa inves-

Dados, levantados na última década, foram divulgados ontem pela Secretaria de Saúde

tigação, o comitê acaba tendo informações que não constam, por exemplo, de prontuários e pode formar um quadro da situação. Há condições de saber porque a mãe não fez o acompanha-

mento pré-natal, se demorou para ir ao hospital no momento do parto, se ficou esperando muito no hospital, se a técnica utilizada no parto foi inadequada e se o berçário tinha o suporte necessário ao bebê. No caso de identificação de falhas, medidas administrativas são adotadas pela Secretaria Municipal de Saúde.

Já em relação à mortalidade de bebês com mais de 28 dias houve queda importantes nas taxas. No ano passado, dos 157 que morreram antes de um ano de vida, 44 conseguiram sobreviver aos primeiros 28 dias. Pesaram na redução, o controle de pneumonia e diarreias, que eram as principais causas de mortalidade nessa faixa. Hoje, não há mais casos de morte de bebês por diarreia, resultado da melhoria das condições de saneamento básico da cidade.

“A negligência é que mais assusta, porque ela leva à desnutrição, a quedas de bebês em caixas de gordura, ao sufocamento, enfim, a situações onde a atenção dada ao bebê em algum momento foi negligenciada”, comenta Solange.

Apesar dessas questões, os bebês estão morrendo menos graças à melhora no saneamento básico da cidade, melhoria nos serviços de saúde, nos esquemas de vacinação, nos programas sociais que fornecem cestas básicas às famílias carentes e no acompanhamento sistemático de bebês que nascem com baixo peso, segundo Solange.



Recém-nascidos na Maternidade de Campinas: acompanhamento pré-natal para gestantes hipertensas, cardiopatas e diabéticas